

Pobreza e riqueza segundo o grupo sociocultural: um estudo de representações sociais

Edson de Souza Filho

*Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

RESUMO

Observamos representações sociais da pobreza e riqueza enquanto fenômenos marcados por história e cultura de grupos, incluindo classe social e etnia. Foram 90 participantes sendo que 43 se autodenominaram Brancos (B), 47 Negros (N). Foi aplicado um questionário em escolas públicas de ensino médio sobre ser pobre/rico; como explica a pobreza/riqueza; como acabar com a pobreza. Houve diferenciação entre B e N quanto a ser pobre/rico. Sobre ser pobre/rico, os B manifestaram mais temas sobre condição financeira/dinheiro e sustento (moradia, alimento), enquanto os N indivíduo psicológico, constrangimento civil e apropriação/vantagem. Sobre as explicações da pobreza, os B consideraram mais a dimensão financeira/dinheiro e dramatização/emocionalismo e, os N, ressaltaram governo/administração pública. Para acabar com a pobreza, os N apontaram ação de governo/distribuição de renda e solidariedade/organização social na sociedade. Já para explicar a riqueza, os B mencionaram conquista individual, pecado, herança, enquanto os N apropriação/vantagem, falcatura/mentira.

Palavras-chave: Representações sociais; riqueza e pobreza; grupo étnico.

ABSTRACT

Poverty and wealth according to the sociocultural group – a social representations study

We observed social representations of poverty and wealth as phenomena marked by groups' history and culture, including social class and ethnic group. There were 90 participants, 43 of whom self-defined as White (W) and 47 as Black (B). A questionnaire was applied in public secondary schools about being poor/rich, how to explain poverty/wealth, and how to end poverty. The W and the B differed on being poor/rich. In relation to being poor/rich, the W mentioned more themes related to finance/money conditions and sustenance (housing, food), while the B stressed, the psychological individual, civil constraint and appropriation/advantage. Concerning explanations of poverty, the W foregrounded the financial/money dimension and dramatization/emotionalism and, the B highlighted government/public administration. About how to end poverty, the B pointed out the politician's action/income distribution and social organisation/solidarity in the society. To explain wealth, the W mentioned individual achievement, sin, legacy, and the B, appropriation/advantage, embezzlement/lie.

Keywords: Social representations; wealth and poverty; ethnic group.

RESUMEN

Pobreza y riqueza según el grupo socio-cultural: Un estudio de representaciones sociales

Observamos representaciones sociales de la pobreza y la riqueza como fenómenos marcados por la historia y cultura de los grupos, incluyendo clase social y etnia. Hubo 90 participantes, de los cuales 43 se autodenominaron Blancos (B), y 47 Negros (N). Fue aplicado un cuestionario en escuelas públicas, de educación secundaria, sobre ser pobre/rico; cómo se explica la pobreza/riqueza; cómo acabar con la pobreza. Hubo diferenciación entre los B y N en cuanto a ser pobre/rico. Sobre ser pobre/rico, los B manifestaron más temas sobre situación financiera/dinero y sustento (morada, alimento), mientras que los N, individuo psicológico, coacción (restricción) civil y apropiación/ventaja. En lo concerniente a explicaciones de la pobreza, los B destacaron la dimensión financiera/dinero y dramatización/emocionalismo, y los N, resaltaron gobierno/administración pública. Para acabar con la pobreza, los N señalaron acción del gobierno/distribución de la renta y solidaridad/organización social en la sociedad. Para explicar la riqueza, los B mencionaron conquista individual, pecado, herencia; en cuanto los N, apropiación/ventaja, malversación/mentira.

Palabras clave: Representaciones sociales, riqueza y pobreza, grupo étnico.

INTRODUÇÃO

Questões sociais de relevância para a história do Brasil, tanto a pobreza quanto a riqueza, nas suas várias formas, têm sido há longa data objeto de debates acadêmicos, políticos e sociais, assim como de iniciativas diversas por parte de todos os implicados. Sua prolongada existência tem gerado uma verdadeira “cultura da pobreza” ao lado das “ilhas de riqueza”, proliferando-se em todo o país. O debate sobre o tema explicita valores, ideologias e normas sociais diferenciados dos vários grupos, a serem mais conhecidos (Galbraith, 1979; Furnham, 1982). Supomos que o conteúdo e linguagem usados para explicar o fenômeno da pobreza, por exemplo, tenham efeitos práticos para uns e outros. Há uma tendência na parte mais influente da sociedade de privilegiar as condições materiais (Valladares e Medeiros, 2003), assim como a educação formal (Schwartzman, 2004), como se fossem suficientes para romper, de modo sustentado, o ciclo da pobreza e da miséria. Acreditamos que a mobilidade social vertical, via educação, por parte de negros e outras minorias sociais, tenda a esbarrar com expectativas sociais de submissão e subserviência. Apesar disso, alguns pré-requisitos parecem-nos importantes para a promoção social de grupos humanos, entre os quais se inclui uma autorrepresentação individual/grupal como alguém capaz de mudar a própria vida, partilhada ou não por grupos mais influentes na sociedade. Ora, diariamente a mídia veicula imagens que fixam/cristalizam a pobreza e a miséria. Ao lado disso, há certa expectativa difusa em acreditar que a mobilização da sociedade e dos grupos mais desfavorecidos seria suficiente para a mudança real, sem um trabalho psicossocial. A falácia dessa concepção só se evidencia quando vemos indivíduos/grupos da sociedade considerados como mais favorecidos, material e socialmente, serem mobilizados pela sociedade de consumo/mercado como qualquer outro grupo através das imagens da riqueza veiculadas por meio de objetos de consumo variados. Para tais grupos as imagens da pobreza e miséria básicas teriam um papel conformista para fazer aceitar o destino mais ou menos “incluído” naqueles ambientes valorizados socialmente. Ademais, tais imagens ativariam o receio constante de retorno a situações vividas de pobreza/miséria, real ou imaginariamente, servindo como “espantalhos” do sistema, no sentido de agirem como algo a ser evitado, rebaixando expectativas de transformações sociais intergrupais. É conhecida a difusão, sobretudo na Europa e EUA, de imagens da miséria do Terceiro Mundo, implicando muitas vezes em atos de filantropia com novas linguagens, entre outros. Assim, a função psicossocial das imagens

da pobreza seria a de complementar as imagens da riqueza por excesso de contraste (Barthes, 1987; Baudrillard, 1996). Supomos que tais representações cumpram o mesmo papel na sociedade brasileira, competindo com outros conteúdos e propostas de ação necessárias historicamente. Ou seja, a fragilidade dessa concepção indica a necessidade de outros ingredientes psicossociais/educativos para promoção social de todos, em termos de cidadania plena.

Adotamos o referencial teórico das representações sociais, tal como formulado por Moscovici (1961/1976), uma vez que se trata de um fenômeno psicossocial tipicamente urbano onde concepções e práticas confrontam com as de outros grupos sociais e culturais de longa duração histórica, assim como com saberes acadêmicos que se propõem tratar desse assunto, segundo graus de reconhecimento e/ou de efetividade variados como os de economia.

Atualmente, as concepções e doutrinas religiosas de base cristã em que os pobres e miseráveis são considerados como seres eleitos para a redenção espiritual póstuma, estão em declínio e sendo substituídas por ideias, ainda menos influentes no meio popular brasileiro, de progresso e desenvolvimento baseados em educação e ciência. Ao lado disso, existem concepções bastante arraigadas, que remontam à Idade Média, de que a sociedade é desigual em termos de bens e poderes de uns se comparados aos de outros, muitas vezes baseados em princípio de destino ou sorte de ter nascido inteligente/não inteligente, branco/negro, entre outros, com menos presença de outros elementos como consciência da ilegitimidade da situação vivida e/ou da capacidade autorrepresentada de poder mudá-la a partir de ação racional individual/grupal.

Muitos grupos urbanos foram recentemente formados no Brasil, alguns com oportunidades de ascensões sociais rápidas, em termos de posse de bens e poder na sociedade, enquanto outros têm progredido lentamente, como é o caso de brancos e negros, respectivamente. Assim, brancos e negros viviam até o início do século XX em ambientes rurais com escasso nível de escolarização e renda (Galbraith, 1979; Fausto, 1994).

Contudo, com a liberação dos escravos os postos de trabalho abertos com a saída dos negros e outras oportunidades recebidas por brancos, como a doação por parte do Estado de parcelas de terra, permitiram a inserção destes últimos, comparativamente mais bem sucedida que a dos primeiros, os quais foram obrigados a migrar em massa e formar favelas nas grandes cidades do país (Munanga, 1996). Mas há uma lacuna na literatura sobre a psicologia dos brancos nas relações intergrupais, o racismo biológico obviamente sendo uma simplificação de um problema que merece mais

aprofundamentos, feitos a partir de fatos. Supomos que a maior diferença entre estes grupos tenha sido sempre mais de ordem sociocultural (Balibar, 1997), a qual obviamente sempre gerou efeitos sociais negativos, que foram intensificados em decorrência de dimensões raciais físicas identificadoras (Allport, 1954; Tajfel, 1986; Moritz-Schwartz, 1987). Ou melhor, supomos que para cada momento da história da sociedade brasileira deve haver aspectos da herança sociocultural de grupo que podem ter sido ativados ou servido de elemento de facilidade/bloqueio para a promoção da riqueza/pobreza. Contudo, nosso propósito aqui é mais de aprofundamento de fontes psicossociais para as questões colocadas. Acreditamos que alguns grupos/indivíduos com suas posturas psicossociais específicas, que derivam pelo menos parcialmente de diferenças socioculturais, são mais reconhecidos em certos tipos de sociedades, assim como alguns deles só conseguem sobreviver em termos socioculturais em certas condições ambientais e de convivência, nem sempre garantidos socialmente, algumas vezes levando-os ao colapso. Nesse sentido, pensamos que o tipo de postura do negro urbanizado seja mais adequada em sociedades mais dinâmicas onde se desfruta de fato de mais liberdade de pensamento e expressão, tal como foi descrito em detalhe por Bastide (1971), ressaltando o ambiente das grandes cidades como locais onde houve a retomada dos cultos afro-brasileiros, sobretudo do Candomblé. De todo jeito, supomos que uma divisão de trabalho entre brancos e negros desencadeou uma distribuição de tarefas (Oliveira, 1999): uma voltada para o trabalho de comando e atividades intelectuais; outra, direcionada para a atividade física e a posição de comandado. Mas este esquema é insuficiente para compreender os fatos que se sucederam de afirmação sociocultural de afro-brasileiros, que vieram a público logo após a liberação no início do século XX nos ambientes então relativamente livres e protegidos das favelas. Apesar de terem tentado reorganizar os grupos afro-brasileiros de origem após o fim da escravatura, primordialmente a partir das religiões não-europeias, houve uma sequência de episódios de repressão que diminuíram a influência intragrupal entre os próprios afro-brasileiros. Em consequência, desde então o número relativo de negros “sem religião” aumentou mais do que entre os demais grupos étnicos e raciais brasileiros (Jacob et al., 2003), o que marcaria a emergência de outra postura psicológica para o grupo, possivelmente cada vez menos convencional, como já foi apontado em estudo de moralidade entre os “sem religião” (Urbina, Biaggio e Viegas, 1998), menos voltados para aspectos emocionais e concretos imediatos. Trata-se de um fenômeno complexo, mediado por representações culturais/sociais de indivíduos/grupos. Mas é preciso

especificar mais a natureza deste fato, pelo menos em termos psicossociais, pois ele não é fruto apenas de alienações, mas de construções sociais.

As predições que nortearam esta investigação foram as seguintes: 1) Existe diferenciação psicossocial entre grupos étnicos quanto à representação da pobreza/riqueza, os brancos focalizam mais que os negros aspectos objetivos (bens de sustento e de consumo). 2) Existe diferenciação psicossocial entre grupos étnicos quanto à representação da pobreza/riqueza, os negros focalizam mais ação individual/grupal do que os brancos.

MÉTODOS

Participantes

Foram estudantes de ensino médio de escolas públicas entre os quais 43 se autodefiniram em termos étnicos como brancos e 47 como negros.

Instrumento e procedimento

Foi aplicado um questionário em situação coletiva em salas de aula, mediante consentimento de autoridades escolares e participantes. O instrumento continha perguntas abertas sobre o que é ser pobre/rico; como explica a pobreza/riqueza; como acabar com a pobreza; identificação de tipos de pobreza/riqueza; como se autoavalia numa escala de pobreza-riqueza; se existe maneira de melhorar o nível e qualidade de vida no país; identificação de pessoas mais ricas no Brasil; identificação de ocupações de pessoas mais pobres do Brasil; se sua ocupação atual lhe permitiria melhorar o seu nível e qualidade de vida, do contrário, qual escolheria, se pudesse; enfim, foram solicitados dados demográficos.

Análise de dados

Do instrumento utilizado na pesquisa, foram analisadas para efeito deste trabalho algumas perguntas. Em relação ao “Ser Pobre” os temas e linguagens encontrados foram os seguintes: sustento/sobrevivência (comida, moradia), dinheiro/finança, indivíduo psicológico (vontade, objetivo, sabedoria), constrangimento civil (humilhação, depender de alguém, não ter direito), objeto de consumo (não de sustento), trabalho, governo/classe política, apropriação/vantagem (não usufruir, precisar trabalhar, não ser privilegiado), solidariedade/organização social, grupo psicológico (família, amor, amizade), educação/formação, condição de vida (saúde/segurança), não sabe/não responde. Já em relação ao “Ser rico” os temas e linguagens encontrados foram os seguintes: dinheiro/finança, apropriação/vantagem, sustento/sobrevivência, estudo/formação, trabalho, objeto de consumo, condição de vida (saúde,

segurança), indivíduo psicológico, grupo psicológico, constrangimento civil, mandar/liderar, roubo/corrupção, não sabe/não responde. Quanto a “Explicar a pobreza” os temas foram governo/administração pública, dinheiro/finança, dramatização/emocionalismo (está em toda parte, está se espalhando!, que pena!), educação/formação, direito humano, alimentação/qualidade de vida, trabalho, indivíduo psicológico, problema social, não tem explicação, não sabe/não responde. E sobre como “Explicar a riqueza” observamos os temas de investimento financeiro, educação/formação, conquista individual, não se explica, pecado, falcatura/mentira, apropriação/vantagem, herança, dignidade/direito, renda mal distribuída, ilusão/sem sentido, acarreta em complicação, não sabe/não responde. Enfim, em relação a “Como acabar com a pobreza” salário/emprego, governo/distribuição de renda, organização social/solidariedade, educação/formação, acabar com a fome, investimento financeiro, lamentar, nada, religião, não sabe/não responde.

RESULTADOS

Tanto a pergunta sobre “ser pobre” quanto “ser rico” geraram diferenciações entre os grupos comparados, assim como foram mais descritos de modo negativo, de ausência/carência, e de modo positivo, de presença/ plenitude, respectivamente. Sobre “ser pobre”, os B enfatizaram dinheiro/finança, sustento/sobrevivência, ao passo que os N apropriação/vantagem, indivíduo psicológico, constrangimento civil e objeto de consumo. Sobre “ser rico” os B se destacaram em dinheiro/finança, objeto de consumo, sustento/sobrevivência, mandar/liderar, enquanto os N apropriação/vantagem e indivíduo psicológico, conforme Tabelas 1 e 2.

TABELA 1

Frequências e percentagens de temas usados para representar o *ser pobre*, segundo o grupo étnico autodefinido

	Negros		Branços	
	f	%	f	%
Dinheiro/finança	17	16,0	27	30,3
Sustento/sobrevivência	21	19,8	25	28,0
Indivíduo psicológico	21	19,8	7	7,8
Constrangimento civil	12	11,3	8	8,9
Trabalho	6	5,6	4	4,4
Governo/classe política	1	0,9	3	3,3
Objeto de consumo	7	6,6	3	3,3
Apropriação/vantagem	11	10,3	3	3,3
Solidariedade/organização social	1	0,9	3	3,3
Grupo psicológico	4	3,7	2	2,2
Educação/formação	0	0	2	2,2
Condição de vida	4	3,7	2	2,2
Não sabe/não responde	1	0,9	0	0

$\chi^2=22,011$; $gl=12$; $p<0,0374$ (indivíduo psicológico, $\chi^2=9,2481$; $gl=1$; $p<0,0024$; apropriação/vantagem, $\chi^2=3,5388$; $gl=1$; $p<0,0599$).

TABELA 2
Frequências e percentagens de temas sobre *ser rico*, segundo o grupo étnico autodefinido.

	Negros		Branços	
	f	%	f	%
Dinheiro/finança	19	16,6	27	23,8
Apropriação/vantagem	27	23,6	19	16,8
Sustento/sobrevivência	3	2,6	10	8,8
Educação/formação	4	3,5	4	3,5
Trabalho	5	4,3	5	4,4
Objeto de consumo	15	13,1	22	19,4
Condição de vida	5	4,3	3	2,6
Mandar/liderar	3	2,6	6	5,3
Indivíduo psicológico	14	12,2	5	4,4
Grupo psicológico	9	7,8	10	8,8
Constrangimento civil	3	2,6	0	0
Roubo/corrupção	3	2,6	0	0
Não sabe/não responde	4	3,5	2	1,7

$\chi^2=20,355$; $gl=12$; $p<0,0607$ (indivíduo psicológico, $\chi^2=5,3508$; $gl=1$; $p<0,0207$).

TABELA 3

Frequências e percentagens de temas sobre *como explicar a pobreza*, segundo grupo étnico autodefinido.

	Negros		Branços	
	f	%	f	%
Governo/administração pública	17	19,3	11	12,9
Dinheiro/finança	10	11,3	15	17,4
Dramatização/emocionalismo	10	11,3	23	26,7
Educação/formação	10	11,3	8	9,3
Direito humano	15	17,0	4	4,6
Alimentação/qualidade de vida	2	2,3	5	5,8
Trabalho	7	7,9	6	6,9
Indivíduo psicológico	4	4,5	6	6,9
Problema social	4	4,5	3	3,4
Não tem explicação	4	4,5	2	2,3
Não sabe/não responde	5	5,6	3	3,4

$\chi^2=17,049$; $gl=10$; $p<0,0733$ (direito humano, $\chi^2=7,3228$; $gl=1$; $p<0,0068$).

TABELA 4

Frequências e percentagens de temas sobre *como explicar a riqueza*, segundo grupo étnico-racial.

	Negros		Branços	
	f	%	f	%
Investimento financeiro	11	12,6	13	16,0
Educação/formação	10	11,4	8	9,8
Conquista individual	6	6,8	10	12,3
Não se explica	9	10,3	7	8,6
Pecado	6	6,8	8	9,8
Falcatura/mentira	9	10,3	6	7,4
Apropriação/vantagem	10	11,4	4	4,9
Herança	3	3,4	5	6,1
Dignidade/direito	5	5,7	1	1,2
Renda mal distribuída	0	0	3	3,7
Ilusão/sem sentido	2	2,2	1	1,2
Acarreta complicação	1	1,1	0	0
Não sabe/não responde	9	10,3	9	11,1

TABELA 5
 Frequências e percentagens de temas usados sobre *como acabar com a pobreza*, segundo grupo étnico-racial.

	Negros		Branços	
	f	%	f	%
Governo/distribuição de renda	27	29,6	21	23,3
Solidariedade/Organização social	20	21,9	15	16,6
Salário/emprego	24	26,3	27	30,0
Educação/profissionalização	10	10,9	8	8,8
Investimento financeiro	4	4,3	3	3,3
Acabar com fome	2	2,1	6	6,6
Indivíduo psicológico	0	0	2	2,2
Nada	0	0	2	2,2
Lamentar	2	2,1	2	2,2
Religião	1	1,0	0	0
Não sabe/não responde	1	1,0	4	4,4

Em geral, as demais perguntas geraram mais convergências entre os grupos. Nesse sentido, foi notável a menor importância numérica dada para “explicar a pobreza” a partir de temas como educação/formação por parte de ambos os grupos (em torno de 10%), assim como trabalho, que foi ainda menor (em torno de 7%). Contudo, também foram observadas diferenciações intergrupais, as quais foram consideradas para efeito desta análise quando ultrapassaram 30%. Em relação a “explicar a pobreza”, constatamos entre B, dramatização/emocionalismo, dinheiro/finança e, em menor medida, indivíduo psicológico e alimentação/qualidade de vida; entre N, governo/administração pública, direito humano. Já “explicar a riqueza” gerou as seguintes diferenciações: para os B, investimento financeiro, conquista individual, pecado, herança, enquanto para os N, apropriação/vantagem, falcatura/mentira, dignidade/direito, conforme Tabelas 3 e 4. Quanto a “como acabar com a pobreza”, entre B, acabar com a fome e, entre N, governo/distribuição de renda, solidariedade/organização social. Enfim, ambos os grupos étnicos ressaltaram salário/emprego como forma de acabar com pobreza, ainda que não tenham ultrapassado 30% das respostas, conforme Tabela 5.

DISCUSSÃO

Em geral, as perguntas sobre ser pobre/rico geraram diferenciações intergrupais mais pronunciadas, possivelmente porque elas supõem respostas a respeito de conteúdos vividos e experimentados, ao passo que as relativas a explicar pobreza/riqueza e, mesmo, acabar com a pobreza, implicam em uso de conhecimentos mais acadêmicos e/ou mais precisos e seguros. Assim, houve uma maior aproximação dos grupos em relação a um possível senso comum coletivo a respeito desses assuntos, não necessariamente partilhado. Mesmo

assim, o conjunto de perguntas e respostas, indicou tendências marcantes de cada grupo, que merecem reflexão.

No caso do par ser pobre/rico, lembraríamos que houve a utilização dos mesmos conteúdos simbólicos para ambos os assuntos, sendo que o primeiro pólo do par foi considerado como ausência/carência e, o último, presença/plenitude. Contudo, a diferença de temas usados por parte de cada grupo foi significativa. Poderíamos localizar os conteúdos usados por brancos a partir de experiências mais difundidas no interior do próprio grupo étnico/classe social de inserção no mercado de bens e consumo, particularmente quando se referiram ao dinheiro/finança. Já a menção a sustento/sobrevivência, acompanhada por bens de consumo e sem a presença de conteúdos de ação, indica uma postura epistemológica que poderíamos denominar de “materialismo ingênuo”, que supõe um modo de conhecer baseado em imagens e objetos prontos e acabados sobre os quais o papel do sujeito ativo é reduzido ao mínimo. Tal postura em termos de políticas públicas está relacionada a práticas paternalistas e autoritárias, entre outras velhas conhecidas da experiência e ideário político brasileiros, intensificada pela situação dos participantes desta pesquisa ser jovem. A discussão dos demais resultados permitirão a ampliação dessas afirmações.

Em contraste ao que dissemos sobre os brancos, as representações usadas por negros tenderam a dois fatos importantes. O primeiro foi uma busca de fontes de problemas em termos de resultados de ação dos próprios implicados com a experiência de pobreza/riqueza, a ser objeto de crítica e ação para sua transformação, se for o caso, indicando polêmica em relação à problemática pobreza/riqueza (Moscovici, 1988).

Contudo, eles não se limitaram às condições de produção material, mas procuraram analisar psicologicamente ambos os tipos de sujeitos que vivem a pobreza e riqueza, afastando-se de certo senso comum. Em seguida, os negros apontaram os constrangimentos civis vividos, que implicam em não-ação para os pobres, indicando politização dos problemas lembrados por nós. Ou seja, ao invés de apelo sentimental contido em slogans como miséria/fome, os negros preferiram enfatizar aquilo que é menos valorizado atualmente que é o efeito político da pobreza (em oposição à sugestão do outro grupo), que poderia ser contornada a partir de doação ou esmola de poderosos.

Os conteúdos de representação usados pelos grupos para responder as demais perguntas tenderam a reforçar as tendências por nós mencionadas, mas eles acrescentaram outros conteúdos, indicando novas pistas de interpretação. Assim, ao explicar a pobreza os brancos se referiram ao fato real/imaginário de que ela

está em toda parte e pode emergir a qualquer momento (dramatização/emocionalismo), enquanto os negros novamente mencionaram o papel dos sujeitos como governo/administração pública e da ilegitimidade da situação em termos de direitos humanos, ainda que não tenham mencionado como o outro grupo, o papel de empresários e outros tipos de poderosos. Até certo ponto, a queixa/demanda de autoridade política mais adequada, sobretudo por parte dos negros, indica uma postura de expectativa de delegação de poder para as iniciativas a serem tomadas para enfrentar as questões colocadas por nós, interpretação a ser ponderada em função de busca de aprofundamento ao nível psicológico individual e de solidariedade/organização social, conforme foi obtido com o mesmo grupo no caso da pergunta sobre como acabar com a pobreza. Mesmo assim, acreditamos haver entre negros um bloqueio ou ausência de expectativas de ação na esfera pública através de associações e outras entidades não mencionadas, mas que merecem todo um trabalho de pesquisa. Em contraste, os participantes brancos tenderam a mencionar o conteúdo dramatização/emocionalismo, que indica certo sentimento de derrota diante do grau de extensão do fenômeno na sociedade, assim como de proximidade iminente em relação ao próprio participante. Ou seja, eles indicaram um misto de perplexidade e certo receio implícito de serem atingidos pela “onda” de pobreza.

Ao tratarem de como acabar com a pobreza, os negros reforçaram a ideia de que partilham uma concepção mais ativa mesmo ao nível da comunidade ao mencionarem solidariedade/organização social, como dissemos, enquanto os brancos não conseguiram se diferenciar em outros conteúdos senão os já discutidos anteriormente. Entretanto, os brancos ao discorrerem sobre a riqueza ressaltaram a ideia de conquista individual, que sugere a legitimidade daquele que conquista como uma postura de ação social de liderança/comando, sem explorar aspectos individuais psicológicos. Ademais, os brancos mencionaram conteúdos de ordem religiosa (pecado) e, novamente, a influência de fonte de riqueza/pobreza já pronta para ser usada (herança). Enfim, os negros ao responderem as explicações da riqueza reforçaram a ideia de denúncia de que a mesma é originária de apropriação/vantagem e falcatura/mentira (hipocrisia), sendo, portanto, ilegítima, e relacionada à dignidade/direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso dizer que há certa expectativa de inserção no mundo do mercado de consumo entre brancos, que é aparentemente menor entre os negros. Não acreditamos que esse fato seja suficiente para a compreensão dos

eventos em foco, inclusive alguns revelados a partir de pesquisas da Antropologia (Zaluar, 1994). Há uma divisão de trabalhos entre grupos étnicos que marca “destinos” sociais e políticos: um grupo voltado para certa inserção social, reconhecimento e conformismo e, outro, de exclusão e inconformismo (Wieviorka, 1992). Trata-se de um esquema que facilita certa compreensão dos nossos resultados. Diante dos problemas sociais quase matriciais em nossa sociedade, que ainda se assemelha em certos aspectos a situações vividas na Idade Média, de estagnação e estabilização de alguns grupos, a mobilidade ou promoção social sendo mais comum ao nível individual do que de grupo, tornando a esfera pública necessária para o seu melhor encaminhamento.

REFERÊNCIAS

- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Balibar, É. (1997). Y a-t-il un “néo-racisme”? É. Balibar, & I. Wallerstein (Org.). *Race, nation, classe*. Paris: La Découverte.
- Barthes, R. (1987). *Mitologias*. São Paulo: Bertrand Brasil/DIFEL.
- Bastide, R. (1971). *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: USP.
- Baudrillard, J. (1996). *A transparência do mal*. Campinas, SP: Papirus.
- Fausto, B. (1994). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp/FDE.
- Furnham, A. (1982). Why are the poor always with us? Explanations for poverty in Britain, *British Journal of Social Psychology*, 21, 311-322.
- Galbraith, J. K. (1979). *A natureza da pobreza das massas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jacob, R. C., Hees, D. R. Waniez, P., & Brustlein, V. (2003). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO/Edições Loyola/CNBB.
- Moritz-Schwartz, L. (1987). *Retrato em branco e negro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moscovici, S. (1961/1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: P.U.F.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations, *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Munanga, K. (1996). As facetas de um racismo silenciado. In L. Moritz Schwarcz e R. da Silva Queirós (Orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: USP.
- Oliveira, I. (1999). *Desigualdades raciais – construções da infância e da juventude*. Niterói: Intertexto.
- Schwartzman, S. (2004). *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Tajfel, H. (1986). Prejudice. In R. Harré, & R. Lamb (Ed.). *The dictionary of Personality and social psychology*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Urbina, C. I. L., Biaggio, A. M. B., & Vegas, C. (1998). Relações entre julgamento moral pós-convencional, grau de fé, afiliação e participação religiosa. In M. L. Seidl de Moura, J. Corrae, & A. Spinillo (Orgs.). *Pesquisas brasileiras em psicologia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Valladares, L. do P., & Medeiros, L. (2003). *Pensando as favelas do Rio de Janeiro 1906-2000, uma bibliografia analítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ/URBANDATA.

Wieviorka, M. (1992). *El espacio del racismo*. Barcelona: Paidós.

Zaluar, A. (1994). *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Editora Revan/UFRJ Editora.

Recebido em: 26/05/2009. Aceito em: 05/08/2009.

Autores:

Edson de Souza Filho – Doutor em Psicologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (1984). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ.

Enviar correspondência para:

Edson de Souza Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: edsouzafilho@gmail.com